

UM ROMANTISMO A OESTE: IDEÁRIO ROMÂNTICO E ESTADO NACIONAL - A REVISTA *NITERÓI* E A POLÍTICA CULTURAL DO BRASIL PÓS- INDEPENDÊNCIA¹

Ana Beatriz Demarchi Barel
USP - CNPq

Nitheroy, Revista Brasiliense. Sciencias, Lettras e Artes. “Tudo pelo e para o Brasil”. Assim vem intitulada a publicação levada a cabo pelo grupo de jovens brasileiros de Paris, no início do século passado. Ainda na primeira página, temos uma gravura onde se vêem apresentados juntos: um globo terrestre, um esquadro, símbolos das ciências médicas, um termômetro, um objeto que parece um telescópio, algumas engrenagens que fazem pensar no universo das engenharias ou das indústrias, tudo envolvido em ramos de louros. O desenho, representativo do conteúdo da revista, é indicativo também do caráter eclético dos temas abordados, deixando entrever sua ausência de especialização e uma falta de público-leitor específico pré-definido. Conforme tentaremos demonstrar, a publicação de *Niterói* em 1836, em Paris, é, menos a decisão de levar a público um texto de intenções literárias e uma demonstração de existência de vida intelectual numa monarquia nos trópicos, do que a concretização diante dos meios intelectuais e diplomáticos de um documento de caráter oficial e que reforçava a adoção de parâmetros franceses de construção de saber e de fazer cultural. Em outras palavras a *Revista Niterói* bem como seus idealizadores, os jovens brasileiros do chamado “Grupo de Paris”, e que se constituía de Gonçalves de Magalhães, Torres Homem, Araújo Porto Alegre entre outros eram, naquele preciso momento histórico, os vetores de nossa diplomacia cultural na Europa, e a publicação não apresentava, a nosso ver, nenhuma intenção de maior vôo no que diz respeito à Literatura propriamente dita nem ao movimento Romântico, particularmente. É certo que muitas

¹ Este texto faz parte de minha tese de Doutorado intitulada *Le roman romantique brésilien de la deuxième moitié du XIXème siècle et les contes populaires : dialogues avec la France*. A tese foi publicada recentemente na França e a publicação contou com o apoio do Ministério da Educação Nacional do Governo francês.

idéias e conceitos apresentados por Magalhães em seu texto presente na revista, no primeiro dos dois únicos exemplares publicados em Paris, fazem parte do conteúdo programático do Romantismo brasileiro e das novas propostas para a nossa incipiente Literatura. Mas, e a brevidade desta publicação parece vir corroborar o que está sendo dito, os textos presentes nestas duas singelas edições parecem apontar menos para uma configuração definida, precisa e específica do movimento Romântico nas nossas Letras do que uma prova dos nove por parte de nossa jovem intelectualidade de suas potencialidades. Vale lembrar, o segundo número de *Niterói* já sai publicado com a seguinte “Observação final”

*Anunciamos ao público com mágoa e pesar, que vai ser interrompida a publicação desta Revista por motivos superiores, e independentes dos seus Redatores. Não podendo tão árdua tarefa ser sustentada por uma só pessoa, e tendo sido separadas aquelas que a esta empresa se votaram; impossível é o continuar. Esperamos contudo que, no seio de nosso país, reunidos, se nada houver que se oponha ao nosso ardente desejo de vermos o nosso país marchar na estrada da civilização e do progresso, que parece hoje obstruída, continuaremos a sacrificar os nossos estudos em proveito do país, sem esperança de outra recompensa que a satisfação de havermos lançado uma pedra para o edifício da nossa ilustração. Cumpremos aqui testemunhar os nossos agradecimentos ao Senhor Manoel Moreira Neves, negociante Brasileiro, pela maneira por que concorreu para a publicação desta obra.*²

O caráter heterogêneo da publicação vai neste sentido, uma vez que temos, nos dois números que vieram a público, uma variedade de temas que vai das Artes e da Literatura até a Ciência e a Filosofia, passando pela Música, Astronomia, Economia, Física Industrial, e também pela Química. Antes de passarmos à análise mais detalhada do artigo de Domingos José Gonçalves de Magalhães, intitulado “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil – estudo preliminar”, parece-nos importante nos determos sobre o texto de abertura do primeiro número, “Ao leitor”. Como todo texto introdutório, o objetivo da mensagem é a de explicitar ao leitor as

² Magalhães, Gonçalves de et alii. *Nitheroy, Revista Brasiliense, Sciencias, Letras e Artes*, Paris, Dauvin et Fontaine Libraires, 1836, p. 261-262.

intenções da publicação. Assim, nos dois primeiros parágrafos temos além da manifestação de uma intenção de oferecer ao leitor uma revista permanente e de cunho declaradamente nacionalista, o autor, não identificável, aponta as motivações de *Niterói*

O amor do país, e o desejo de ser útil aos seus concidadãos foram os únicos incentivos, que determinaram os autores desta obra a uma empresa, que, excetuando a pouca glória, que caber-lhes pode, nenhum proveito lhes funde.

Há muito reconheciam eles a necessidade de uma obra periódica, que, desviando a atenção pública, sempre ávida de novidades, das diárias e habituais discussões sobre coisas de pouca utilidade, e o que é mais, de questões sobre a vida privada dos cidadãos, os acostumasse a refletir sobre objetos do bem comum, e de glória da pátria.

*Tal é o fim a que se propõem os autores desta Revista, reunindo todas as suas forças para apresentar em-um limitado espaço considerações sobre todas as matérias, que devem merecer a séria atenção do Brasileiro (sic) amigo da glória nacional.*³

Deixando claro que *Niterói* não trata “das diárias e habituais discussões sobre coisas de pouca utilidade” e cuja intenção é a de habituar o leitor a “refletir sobre objetos do bem comum, e de glória da pátria”, nosso interlocutor evidencia o tom nacionalista da revista. Seus únicos incentivos, aliás, como ele havia frisado no primeiro parágrafo são “o amor do país e o desejo de ser útil aos seus concidadãos”. Além deste caráter de quase iniciação patriótica da obra, o autor confere à *Revista Brasiliense* o papel de uma espécie de manual de consulta rápida aos interessados em assuntos pátrios.

*As obras volumosas e especiais só atraem a atenção de alguns homens exclusivos, que de todo se dedicam às ciências, aqueles, porém, que por sua posição não podem sacrificar o tempo à longa meditação, folgam, quando em um pequeno livro, contendo noções variadas e precisas, encontram um manancial, que lhes economiza o trabalho de indagações, e o enojo de um longo estudo, colhendo numa hora o resultado de um ano de fadigas.*⁴

³ Magalhães, Gonçalves de e outros. *Op. cit.*, p. 5.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 5-6.

É interessante cogitar sobre quem seria este “leitor” a que faz apelo o autor anônimo deste texto de apresentação. Segundo o que podemos concluir a partir deste parágrafo, a intenção dos autores de *Niterói* é a de atingir o dito “leitor comum”, o homem ordinário, do povo, diferenciando-o do especialista, do intelectual, “dos homens exclusivos, que de todo se dedicam às ciências”. *Niterói* assume, pelo conjunto de características apontadas até o momento: nacionalismo, pragmatismo, concisão, leitor popular, um ar de documento nacional, declarando a intenção de querer colocar-se ao alcance de todos. Nada mais Romântico, por outro lado, que aliar nacionalismo e apelo popular, ecletismo e erudição numa publicação que se queria representativa de uma identidade em formação e em sintonia com os valores da vanguarda cultural internacional, então liderada pela França. No mesmo sentido, o parágrafo seguinte vem confirmar o teor da revista, ou seja, político e econômico, literatura e artes vêm em segundo plano, contribuindo, no entanto, para a construção de uma pátria alinhada com os valores da civilização moderna e progressista.

*A economia política, tão necessária ao bem material, ao progresso, riqueza das nações, ocupará importante lugar na Revista Brasiliense. As Ciências, a literatura nacional e as Artes que vivificam a inteligência, animam a indústria, e enchem de glória e de orgulho os povos, que as cultivam, não serão de nenhum modo negligenciadas. E destarte, desenvolvendo-se o amor e a simpatia geral para tudo que é justo, santo, belo e útil, veremos a pátria marchar na estrada luminosa da civilização, e tocar ao ponto de grandeza, que a Providência lhe destina.*⁵

No que concerne este trabalho, interessa-nos o texto de D. J. Gonçalves de Magalhães, “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil – estudo preliminar”, presente no primeiro número. Neste texto, vulgarmente conhecido como Manifesto Romântico, Gonçalves de Magalhães expõe um panorama rápido da história das Letras brasileiras, indicando alguns nomes importantes para cada período. Ele frisa também a relação de dependência de nossa literatura em

⁵ Idem, ibidem, p. 6

relação a Portugal, insistindo sobre o aspecto de opressão exercido pelo governo metropolitano português e suas conseqüências negativas para o desenvolvimento da cultura no Brasil.

Este texto de Gonçalves de Magalhães é muito mais que um simples receituário dos valores prezados pela nova sensibilidade Romântica; este “Ensaio” é uma declaração de adoção de uma nova ordem estética, cultural mas também política, e esta nova concepção de fazer cultural era francesa. Magalhães afirma nossa admiração pela França e a garantia de adoção dos modelos franceses de práticas culturais. Portador do que chama de “espírito eclético”, marca deste século XIX em revolta contra o padrão clássico e as normas rígidas que o caracterizam, Magalhães tem a consciência de nossa dependência cultural mantendo, ainda assim, a certeza de que nosso momento histórico não nos permitia mais autonomia. Desta forma, condiciona nossa evolução estética e a existência das condições necessárias à nossa independência cultural à adoção do novo modelo. Assumindo esta posição de seguidor fiel dos valores construídos pela Revolução francesa, Gonçalves de Magalhães faz de seu “Ensaio” uma profissão de fé dos valores republicanos, base da sociedade moderna e da civilização e portanto pré-requisito para todo programa literário em dia com as teorias de ponta na área. O tom do texto de Gonçalves de Magalhães é profundamente oficial e didático no sentido de que o leitor tem a impressão que seu autor é consciente do papel que terá este seu “Ensaio” para as Letras brasileiras. Além do estilo didático de exposição de fatos históricos e épocas de nossa História oficial, Magalhães tece seu texto de forma a justificar a adoção do modelo cultural francês para a cultura brasileira. Dois fatos, como deixamos evidente na citação anterior, teriam contribuído para isso: em primeiro lugar, toda uma conjuntura histórica que nos leva a nos livrarmos do modelo cultural luso e ibérico e o fato de que nossa Literatura, ao contrário de outras, é produto de uma civilização “reflexo” de outra. Assim, prossegue Magalhães, existiriam os modelos puros, como a Grécia que, segundo ele, não teria em sua matriz influência de nenhuma outra cultura. Nosso caso não é

este, então buscamos modelos e é desta maneira que Magalhães vai introduzir a idéia da opção pelas referências francesas. Estabelecendo um panorama histórico de nossa Literatura e do país, chegaremos ao ponto em que se torna fundamental colocarmos as perguntas sobre nossas origens, como as influências de outras civilizações se deram sobre nossas Letras, e tantas outras interligadas e aí é que nos encontramos com a França. Nas palavras de Magalhães, esta situação é uma contingência à qual não poderíamos escapar pois haveria uma espécie de condicionamento histórico que levaria a esta situação. Seu texto assume, então, além da função de retratar nosso percurso literário *grosso modo*, a de fazer esta mesma história literária, pelo próprio caráter metalingüístico do tema. Magalhães vai indicar alguns poucos grandes nomes deste percurso histórico e, revelando esta consciência da importância de seu “Ensaio”, afirmar a situação precária dos estudos sobre o Brasil para que as gerações futuras não o acusem de desleixo intelectual e possam confirmar através de seus escritos que pouco se fez para a divulgação de nossa Literatura. Gonçalves de Magalhães vai indicar os intelectuais que se dedicaram à Literatura brasileira e à sua divulgação, mencionando o mais importante dentre eles, Ferdinand Denis. Vemos a situação de fragilidade em que se encontra a nossa historiografia literária e a tarefa que pesa sobre os Românticos, desejosos de criar uma Literatura nacional.

Se percorremos o texto de Magalhães, no entanto, não encontramos grandes informações sobre nossa história literária, nomes, títulos de obras, datas de publicações importantes, edições, e outros dados que caracterizam este tipo de texto. Mas, ao nosso ver, este não é o objetivo principal do jovem brasileiro do Grupo de Paris. O objetivo deste ensaio não é, absolutamente, o de retratar nosso percurso histórico-literário. Mas, ao fazê-lo, evidenciar a relação nefasta do Brasil com Portugal, marcar nossa evolução e nossa adesão aos valores representados pela França. Cantando a liberdade do povo brasileiro, Magalhães vai colocar em evidência um dos conceitos mais importantes para toda literatura nacional, o conceito de pátria. Ao mencionar o

estado de quase desconhecimento da nossa Literatura na Europa, Magalhães toca num ponto que escapa ao essencialmente literário, envolvendo o poder político e econômico da língua em que são veiculados nossos escritos, enriquecendo a discussão de uma Literatura essencialmente nacional. Mais adiante, afirmando ter o desejo de criar uma Literatura nacional, Magalhães reafirma ter aprendido a lição do mestre de toda sua geração, um francês, Ferdinand Denis, em especial, ao repetir com suas palavras, alguns de seus ensinamentos

A poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma Grega, vestida à francesa, e à portuguesa, e climatizada no Brasil; é uma virgem do Helicon, que, peregrinando pelo Mundo, estragara seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada à sombra das Palmeiras da América, se apraz ainda com as reminiscências da Pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da Castália, e o trépido sussurro do Lodon, e do Ismeno, e toma por um rosinol o sabiá, que gorgéia entre os galhos da laranjeira. Encantados por este nune sedutor, por esta bela Estrangeira, os Poetas Brasileiros se deixaram levar pelos seus cânticos, e olvidaram as simples imagens, que uma Natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia; semelhante a Armida de Tasso, cuja beleza, artifícios, e doces palavras atraíram, e desorientaram os principais guerreiros de Godofredo. E rica a mitologia., são belas suas ficções, mas à força de serem repetidas, e copiadas vão desmerecendo, além de que, como o pássaro da fábula, despimos nossas plumas para apavonarmo-nos com antigas galas, que não nos pertencem. Em Poesia requer-se mais que tudo invenção, gênio, e novidade; repetidas imitações o espírito embrutece, como a muita arte, e preceitos tolhem, e sufocam o gênio; as primeiras verdades da ciência, como os mais belos ornamentos da Poesia, quando a todos pertencem, a ninguém honram. O que dá realce, e nomeada a alguns dos nossos Poetas não é certamente o uso destas ficções; mas sim outro gênero de belezas naturais, não colhidas nos livros, mas que só a Pátria lhes inspirará.⁶

A *Niterói* assume, como se pode verificar, um papel de divulgação de idéias da nova escola, uma reivindicação de Literatura nacional mas, acima de tudo, uma explicitação da hegemonia cultural francesa nas Letras brasileiras. Segundo Candido, ela teria sido um “passo decisivo” para a transição do Arcadismo para o Romantismo não tanto devido ao seu conteúdo literário mas pelo valor simbólico que assumiu. O objetivo da *Niterói* não nos parece ser o de

⁶ Idem, *ibidem*, p. 146-147.

fundação do Movimento Romântico nem o texto de Magalhães parece ter sido denominado pelo seu próprio autor, uma única vez, como Manifesto Romântico. A revista quer fazer prova de conhecimento das teorias então em voga, não importando em que área de conhecimento – o que parece explicar ou justificar a variedade dos temas tratados bem como a capacidade de reflexão sobre estes mesmos temas, o que configurava a existência de uma *intelligenza* nacional formada – ou melhor, talvez, em vias de formação - mas a promessa real de germinação de um dos pré-requisitos básicos de toda nação que se quer moderna neste século XIX, uma identidade cultural nacional específica e única. Paul Hazard em seu texto, “As origens do Romantismo no Brasil” deixa muito claro o entusiasmo que cercou a publicação da *Niterói*, e citando um trecho de autoria do eloquente Monglave, mostra-nos os bastidores deste momento cultural franco-brasileiro, o que, além de revelar ao leitor o aspecto amador e as condições precárias em que a revista teria sido produzida, também não deixa de comover

Alguns rapazes brasileiros, nascidos em diversos pontos desse imenso império, sorvendo quase todos a ciência em nossas fontes fecundas, conferem entre si, e dizem-se uns aos outros: em vez de malbaratarmos loucamente nossos lazeres em passatempos fugitivos, por que não publicaremos cada mês, em comum, em nossa língua nacional, uma obra que enviaríamos, através do Oceano, à nossa pátria distante? Mostraríamos destarte, aos nossos irmãos de lá que, conquanto em terra estrangeira, não os esquecemos, e que o fim constante de nossos esforços é de corresponder aos sacrifícios que eles se impõem, afim de que possamos, de nossa parte, orientá-los nessa via de progresso e civilização que eles nos preparam.

*Ora, a proposta, como é bem de supor, foi acolhida com unânime entusiasmo; de toda parte começaram a chover os óbolos na escarcela do estudante pobre; adquiriram o papel, entraram em negociações com um impressor; a modesta residência de um dos redatores tornou-se a sede da redação geral, e o primeiro fascículo, que tenho sob os olhos, apareceu, ainda não há um mês, em doze folhas in-8º, bem distribuídas, muito variadas, refertas (sic) de idéias e informações. No momento em que escrevo, já não existe sequer um exemplar, tão eficiente é o patriotismo desse punhado de rapazes do Trópico, que a nossa França acolhe sob suas asas hospitaleiras!...*⁷

⁷ Não há indicação bibliográfica para este trecho escrito por Monglave e reproduzido por Paul Hazard que nos informa, no entanto, que o criador do Instituto Histórico « expôs, perante a segunda classe do Instituto Histórico, as circunstâncias que determinaram a criação da revista. », in Hazard, Paul, op. cit., p. 35-36.

O trecho citado por Paul Hazard é extremamente instigador e nos fornece algumas informações dignas de nota. Segundo a percepção de Monglave, a decisão de editar a revista teria sido tomada quase que no intuito de ocupar um tempo morto, que poderia ser desperdiçado com “passatempos fugitivos”, o que, ao nosso ver, absolutamente não constitui o objetivo do grupo enviado a Paris. Lembremos que estes jovens, apesar da pouca idade, estiveram ligados, de uma forma ou de outra, todos, a atividades diplomáticas. É lugar comum o fato de que Magalhães foi o protegido do Imperador durante toda sua vida, e que, de volta ao Brasil, todos ocuparam cargos públicos, num ou noutro momento, numa ou noutra atividade ligada à cultura. Os rapazes da *Niterói* não eram estudantes como os outros. Evidentemente, viviam suas dificuldades econômicas, próprias de seu *status* estudantil, mas tinham um elo com o Estado, irrefutável. Citando o texto de Maria Orlanda Pinassi, que oferece dados importantes para o estudo da revista

*Pouquíssimos são os dados que possam clarear as circunstâncias que levaram Torres Homem e Gonçalves de Magalhães a Paris. O mais certo é que o primeiro rumou para lá na condição de adido cultural da Legação Brasileira na França; o segundo chegou a ser nomeado para a mesma função, mas, na ocasião, já se encontrava em Paris...ambos tinham em mente aprofundar a formação humanista iniciada nos círculos intelectuais da capital brasileira. Prova disso é que Torres Homem conseguiria, então, realizar o sonho reprimido no Rio, frequentando a Faculdade de Direito de Paris, na qual se especializa em direito constitucional, economia política e sistemas financeiros, ao mesmo tempo em que aperfeiçoa-se no estudo de algumas línguas. Gonçalves de Magalhães dedicaria particular atenção aos estudos de Filosofia Eclética, através de Jouffroy, discípulo de Victor Cousin, aprofundando, assim, o que lhe havia sido ensinado por Frei de Monte Alverne.*⁸

As palavras de Monglave assumem, então, a nossos olhos, duas possibilidades: ou o desejo de criar ao redor desse grupo uma aura de “intelectual romântico” pelo tom retórico de sua exposição ou a intenção de mascarar o caráter oficial que recobria a revista, romantizando, bem

⁸ Pinassi, Maria Orlanda. Op. cit., p. 77.

ao estilo da época, os fins da publicação, o que, de resto, acaba dando no mesmo. Ainda mais importante que isso, é a intenção de leitor que parece imaginar para a publicação: um público brasileiro que existiria - ou teria ficado - no Brasil. Não nos parece satisfatória a hipótese de que os textos tivessem sido publicados para *ser enviados* a um público consumidor no Brasil. Mais fácil seria que ela tivesse sido publicada por intelectuais que estivessem lá. Também não parece boa a idéia de que fosse destinada ao público *brasileiro*, por motivo decorrente: por que não teria, então, sido publicada no Brasil mesmo? e sim, para um público que *conhecesse* suficientemente o Português para que pudesse lê-la e compreendê-la. Não havia nenhum interesse numa edição *francesa*, exatamente pela natureza da motivação do grupo em levá-la a público, do nosso ponto de vista: dar provas a um público intelectual francês – modelo criador cultural da época e o único a poder dar o aval a tudo o que se considerasse produção intelectual de nível, então - da existência de uma *intelligenza* brasileira promissora e que comungava dos mesmos valores dessa intelectualidade européia que a acolhia, o que para tanto implicava num documento em *língua nacional*, leia-se, Português. Assim, não havia sentido nenhum e, ainda, a revista não teria se revestido do valor necessário para afirmar o Brasil no cenário internacional se não tivesse sido publicada nas condições em que foi, ou seja, na França, em Português, e para um público internacional o que não constitui um contrasenso, ao contrário, forma o conjunto de condições fundamentais para sua legitimidade.

Quanto ao público-leitor, ainda a nosso ver, e é o que explica a efemeridade da revista, na verdade, ele era uma “entidade ficcional”, pois a intenção não era a de que a revista fosse lida por um imenso número de leitores – tarefa essa, aliás, de que eram absolutamente conscientes seus idealizadores, impossível, dada a pouca penetração de nosso idioma na Europa e o quase desconhecimento não apenas de nossa Literatura, balbuciante, mas também da Literatura portuguesa, como nos afirma o próprio Ferdinand Denis em seus escritos. A revista *Niterói*

aparenta-se, em suas finalidades, a um documento de teor diplomático e não literário, como comumente é considerada, o que, se por um lado, parece ser confirmado pela pouca importância que ocupa no conjunto dos textos o estudo de Gonçalves de Magalhães sobre a Literatura brasileira, por outro, realça seu valor de documento histórico o que, de forma enviesada, também contribui para compreender nosso percurso literário. Neste sentido, podemos evocar o texto recente de Maria Orlanda Pinassi, *Três devotos, uma fé, nenhum milagre – um estudo da Revista Niterói, 1836*, em que a autora defende a tese de que o texto de Magalhães teria sido um manifesto Romântico meio a contra gosto, e que a continuidade da revista ficara comprometida por problemas nos bastidores da política cultural da época, devido a desentendimentos entre Gonçalves de Magalhães e Luís Moutinho, então chefe da Legação brasileira em Paris. Não nos parece que a única razão que justifique a inexistência dos seguintes números da revista seja esta. Parece certo que existissem rugas entre ambos mas, em sendo assim, as divergências pessoais ultrapassariam o caso da revista, sendo, então, todas as atividades que envolvessem decisões de Moutinho e Magalhães, conflituosas. Também não nos parecem suficientes para condicionar a continuidade da existência da revista, ainda que os relatórios enviados pelos envolvidos ao Governo indiquem claramente que as relações entre Magalhães, Torres Homem e Moutinho não fossem boas, os trechos apresentados por Pinassi são insuficientes para prová-lo. Afinal, em nenhum momento, nenhuma das cartas menciona abertamente os motivos do atrito entre eles. Parece haver uma dissonância no que diz respeito a posições políticas e culturais ou de política cultural mas nada é claro, sendo necessário, talvez, para embasar esta tese evocada em *Três devotos, uma fé, nenhum milagre* a reunião de um grande número de documentos e de naturezas diferentes, e que atestassem com segurança a hipótese levantada. Mais lógico seria pensar que não fosse intenção do Estado uma longa vida para a revista *Niterói*, uma vez que, segundo nossa hipótese, ela desempenhasse uma função muito mais diplomático-documental do que

propriamente comportasse grandes intenções literário-artístico-científicas. Mesmo se isso continua apenas uma suposição é interessante e importante notar que houve um movimento de intelectuais brasileiros no sentido de construção de uma imagem do Brasil como nação moderna e independente de Portugal, e que a publicação de *Niterói* reitera o desejo de compartilhar no cenário internacional dos mesmos valores culturais da França. A senha para ingressar no cenário das nações modernas era a tematização de nosso exotismo, a exaltação de nossas riquezas naturais, a heroicização de nosso autóctone, enfim, dizer o que se esperava que se dissesse. Numa via de mão dupla, inerente à nossa situação histórica de ex-colônia nos trópicos, ao mesmo tempo que construíamos uma imagem à qual nos identificarmos, criávamos uma imagem que respondia mais à imagem filtrada pelo imaginário europeu, processo que só se reverterá com Machado de Assis.